

Projeto: Entre a Casa, as Ruas e as Instituições: crianças e adolescentes em situação de rua e as instituições de acolhimento no estado do Rio de Janeiro

Levantamento da Produção Acadêmica sobre Acolhimento Institucional para Crianças e Adolescentes (2000-2019)

Coordenação: Irene Rizzini (PUC-RIO/CIESPI - Apoio: FAPERJ/CNE)

Ficha

1) Referência – FRANCESCHINI, Erica; WESCHENFELDER, Viviane Inês. Como vaga-lumes na escuridão: histórias de adolescentes em instituição de acolhimento. Fractal: Revista de Psicologia, Niterói, v. 33, n. 2, mai.-ago. 2021

2) Resumo e Palavras-Chave – O artigo apresenta e analisa histórias de vida produzidas a partir de uma experiência realizada com meninas adolescentes em uma instituição do Sul do Brasil. A pesquisa buscou compreender como essas jovens em situação de acolhimento institucional atribuem sentidos às suas vivências e quais processos de subjetivação estão implicados nesses sujeitos marcados pela infâmia. O trabalho está articulado à esfera da Proteção Social Especial e faz uso de algumas chaves de leitura de Michel Foucault para pensar as experiências vivenciadas pelas adolescentes, bem como as relações que atravessam grande parte das instituições de acolhimento brasileiras. Faremos esse exercício analítico com o uso da governamentalidade e da subjetivação. Para compor as histórias de vida inspiradas nos encontros desenvolvidos com as duas participantes da pesquisa, utilizamos o método da cartografia, desenvolvido por Gilles Deleuze e Félix Guattari. A partir desta experiência, problematizamos os efeitos do processo de acolhimento institucional e fomos desafiadas pelas outras possibilidades de resistência e de produção de subjetividades na adolescência.

Palavras-Chave: acolhimento institucional; adolescência; histórias de vida; passagem.

3) Objetivo do estudo – Apresentar uma experiência no campo do acolhimento institucional com duas adolescentes do sexo feminino que, através da escrita, puderam contar elas mesmas suas histórias de vida, o que é bem diferente de terem suas histórias contadas por documentos e Planos Individuais de Atendimento (PIA) redigidos pelos profissionais da equipe técnica da instituição.

4) Tipo de pesquisa – Qualitativa.

5) Período da pesquisa – Não identificado.

6) Forma de coleta de dados – Cartografia. Desse modo, sua construção aposta no encontro entre nós e “Elas” – e entre “Elas” mesmas –, numa experiência grupal como exercício de produção de si onde é possível colocar em questão as potências que circundam uma vida e produzir outros agenciamentos em uma instituição de acolhimento, indicando que “um agenciamento comporta componentes heterogêneos, tanto de ordem biológica, quanto social,

maquínica, gnosiológica, imaginária” (GUATTARI; ROLNIK, 1986, p. 37); portanto, atrela-se à diversidade dos encontros e das vidas, extrapolando o território geográfico para constituir territórios intensivos. Essa experimentação parte da apresentação de um dispositivo visual que funcionou como um intercessor na construção das narrativas, as quais finalmente podem ganhar espaço nas malhas da instituição, que não desejam revelar uma verdade, nem anunciar conteúdos passíveis de serem buscados por seus significados, mas sim acizentar a existência “d’Elas”, extraíndo de si o potencial para outras experiências. Em princípio, a proposta que foi realizada pelo grupo visou, num primeiro momento, o acolhimento da expressão, daquilo que escapa aos determinismos institucionais, para oportunizar uma escrita de si, como ato clínico-político-estético, em cujas narrativas o esquecimento também aparece como constituinte. A ideia de utilizar a escrita como uma prática do grupo na instituição, passa pela percepção de que as adolescentes em situação de acolhimento tinham íntima relação com a escrita de si primordialmente no meio virtual, em páginas de perfis no Facebook e conversas com amigos e conhecidos no WhatsApp; porém, ainda não exerciam essa escrita numa coletividade cotidiana, ou seja, no espaço institucional, como se falar de si ali ainda estivesse colado ao julgamento daquilo que as fez serem institucionalizadas, como se ainda estivesse incutido esse silêncio da não-oportunidade. No âmbito da instituição de acolhimento, inicialmente, damos às adolescentes a possibilidade de participarem ou não do grupo, constituindo um espaço voluntário, a partir do desejo de cada uma. Os grupos foram propostos em quatro momentos, sendo que no primeiro apresentamos um vídeo da atriz Kéfera Buchmann (2015), intitulado 50 fatos sobre mim, e oportunizamos um momento de conversa. O vídeo foi escolhido por seu caráter descontraído, no qual a atriz fala sobre si de uma forma íntima, conta sua história através de 50 momentos de sua vida que podem ser considerados cotidianos e até mesmo banais, porém carregam a força de poder olhar sobre si e sua vida, passando por aquilo que muitas vezes escapa ao nosso olhar. A partir dessa possibilidade de encontrar na “insignificância” uma significação possível para essas vidas, propomos, em seguida, que as adolescentes pudessem, elas mesmas, pensarem sobre si, escrevendo, baseadas no vídeo assistido, fatos sobre si, sendo que nos três encontros que se seguiram compartilhamos as escritas, também de forma voluntária, de maneira que as vozes puderam circular nesse espaço constituído de intensidades, criando uma polifonia dos modos de ser adolescente. Vale dizer que o grupo se organizou de maneira aberta e transversal, oportunizando às adolescentes transitarem por ele e/ou desistirem, quando não se sentissem à vontade para estar nesse espaço coletivo. Igualmente organizou-se com as mesmas datas e horários dos encontros e no mesmo espaço em que eles aconteceram.

7) Forma de análise dos dados produzidos / referencial teórico – Por fim, aos pesquisadores, diante dessa experiência, restaria o desafio ético de conferir significação à produção desejante dos processos de subjetivação que ali se delineiam, implicando-se, tal qual a cartografia, num mundo movente, que detecta e coloca em evidência outros elementos experienciais. Reunimos, em duas narrativas, múltiplas vozes, que contam uma história de silenciamento através de suas rupturas e descontinuidades; e, para tanto, acreditamos que seja possível percorrer

essas rupturas que posicionam as palavras num campo múltiplo e infindável de paisagens, afirmando a possibilidade de vir a conhecer realidades múltiplas.

8) Resultados / dados produzidos – Das histórias escritas acima, devemos lembrar que todas trazem os elementos que contam uma vida, a partir do que cada adolescente escreveu sobre si. Nesse exercício, somos testemunhas não de sua biografia, mas de uma passagem intensiva que pode ainda proliferar possíveis. Insistimos, nesse ínterim, nessa dimensão dos possíveis, na medida em que tomamos as histórias de adolescentes em situação de acolhimento não como documentos para produzir seu desligamento, mas como uma parada no cotidiano, onde podemos perceber seus movimentos mínimos e como estes também as constituem, a partir daquilo que acreditamos: cada adolescente compõe em si uma multiplicidade. Nesse sentido, vale dizer que parte de nosso olhar aprendeu a percorrer os interstícios a fim de que não vejamos apenas aquilo que nos é apresentado nas grandes superfícies, mas, como estrangeiros, mergulhamos em aventuras com os imprevisíveis que estão nas pequenas rachaduras, lugares onde nós também podemos nos perder.

9) Recomendações – Não identificado.

10) Observações e destaques –

Ficha construída a partir de trechos extraídos do texto original.